

Podcast
Leia
com uma
criança



Conversas sobre leitura

EPISÓDIO 5

O fabuloso tempo da espera



Conteúdo

Olá, mediadores e mediadoras de leitura!	3
O fabuloso tempo da espera	4
A leitura como direito humano	5
A espera de Marina e suas irmãs	6
A espera do leitor	8
O tempo de Chronos e o tempo de Kairós	10
Nosso caminho pelas ilustrações	11
Brincar com os sentidos das palavras	12
A cultura clássica ou erudita e a cultura popular	13
Para saber mais:	15
Ficha técnica	16



Olá, mediadores e mediadoras de leitura!

Sejam bem-vindos! Este é um convite para uma conversa sobre leitura compartilhada, suas belezas e seus desafios. E diz respeito ao quinto episódio do **Podcast Leia com uma criança**, uma produção do Itaú Social com parceria de Kiara Terra, narradora de histórias, autora e pesquisadora das infâncias.

O **Leia com uma criança** é um programa que, desde 2010, incentiva a leitura do adulto com a criança como uma oportunidade de fortalecer os vínculos e participar ativamente da educação desde a primeira infância.

Aqui vocês encontram algumas ideias, dicas e reflexões entre as múltiplas possibilidades para a mediação de uma obra literária. Esta iniciativa surge da vontade de partilhar as descobertas e os caminhos vividos em experiências de mediação literária on-line com crianças de diferentes territórios do Brasil.

O **Podcast Leia com uma criança** disponibiliza, além deste conteúdo, um vídeo para mediadores de leitura e um podcast voltado para as famílias e crianças. Para se aprofundar ainda mais nesse trajeto de aprendizagem acesse todos os materiais que estão disponíveis na página:

www.itausocial.org.br/podcasts

É um prazer enorme conversar sobre leitura com vocês!



O fabuloso tempo da espera

Chegou a hora de ter o livro *O caminhão* em mãos e abrir a primeira página juntos! De autoria de Lúcia Hiratsuka e publicada pela Cortez Editora, essa obra apresenta três irmãs que estão à espera de um caminhão.

Convidamos você para se juntar a elas nessa espera repleta de delicadezas. Enquanto o caminhão não chega, muitas histórias nos são contadas sobre o tempo cotidiano, o território onde vivem as meninas, seus laços de afeto e cuidado e, por fim, seus modos de tecer sentidos para essa espera.

Enquanto o caminhão está a caminho, seguimos juntos na leitura. Nós contamos os segundos com nossa curiosidade à flor da pele (o que trará o caminhão?), conhecemos, por meio do texto verbal e da narrativa visual, o contexto das irmãs à espera e do trajeto silencioso e significativo do caminhão a caminho.

A chegada do caminhão e o desvendar de seu conteúdo são uma deliciosa surpresa. Mas não se engane, mediador ou mediadora! Muitas páginas antes do esperado encontro já colecionamos descobertas que são verdadeiros presentes. À medida que lemos juntos e partilhamos essa espera de diferentes dimensões, aprofundamos vínculos, conhecemos e reconhecemos paisagens e revisitamos nossas próprias esperas e os encontros significativos que já vivemos.

Boa espera, boas partilhas e boa leitura!

Queremos contar uma história...

A leitura como direito humano

Ler é um direito humano, assim como experienciar todas as linguagens artísticas. Tão importante quanto ter abrigo e alimento é ter a chance de conhecer histórias e a possibilidade que elas trazem de refletir e pensar outros mundos e modos de ver a vida.

As manifestações culturais de um povo contam a ele sobre quem ele é e sobre de onde vêm suas histórias. É como ter um lugar para voltar e ao mesmo tempo conhecer a possibilidade de encontrar, em culturas distintas, diversos modos de compreender o mundo e atribuir sentido à experiência humana.

Assim como a cultura, as histórias também nos contam que a vida não é feita apenas de coisas que podemos tocar e mensurar, mas que há o invisível – aquilo que diz respeito a outros modos de perceber o tempo e atribuir importância às coisas. As histórias nos contam, ainda, que fazemos parte de uma trajetória que teve início antes de nós.

É também por meio da leitura que podemos nos reconhecer em outras histórias e perceber que nossa trajetória tem pares. E que tem muita força o fato de que nossas histórias acontecem no coletivo, junto com aqueles com quem tecemos alguma possibilidade de pertencimento.

Ler e ter acesso a bons livros, à educação e à cultura são direitos de toda criança. E esses direitos oferecerão possibilidades a cada uma delas de transpor barreiras, transformar realidades cotidianas e fluir por diferentes universos simbólicos. Conhecer a vida para além do cotidiano e da realidade e, sobretudo, ganhar instrumentos para viver com autenticidade e liberdade significa respeito à diversidade.



O direito à literatura permite a cada criança se tornar sujeito de suas próprias histórias à medida que amplia suas percepções e escolhas. O caminhão é uma história que traz em seu enredo o encontro de Marina e sua família com as histórias de outros lugares. Esse encontro pode ser lido como uma celebração ao direito à cultura. Haverá um tempo em que não será necessário esperar tanto, e o direito à cultura será garantido.

A espera de Marina e suas irmãs

Em O caminhão, Marina e suas irmãs estão à espera do caminhão que está a caminho de sua cidade. E é no tempo da espera das irmãs que a história nos é contada.

▶ Quem é (ou quem são) o(s) protagonista(s) de O caminhão?

Embora essa pergunta pareça fácil de responder, na medida em que o título remete à importância do caminhão, há outra pergunta que deve ser feita antes de tecermos nossa resposta.

▶ Como definimos quem é o protagonista de uma história?

Podemos pensar primeiramente na ideia de personagem principal, mas sugerimos uma reflexão: quem vive mais transformações ao longo da narrativa?



Sob essa perspectiva, encontramos Marina e suas irmãs. Como são seus dias? Quem as acompanha? Como podemos ler a trajetória das meninas até a chegada do caminhão?

Preste especial atenção a um ponto, mediador ou mediadora: a passagem do tempo.

Há muitas descobertas a fazer!

- ▶ O que diz essa história sobre a passagem do tempo?
- ▶ Como contamos o tempo? Todo tempo pode ser contado com o relógio?

Há o tempo da folhinha do calendário, em que cada dia a menos é riscado com giz vermelho. Mas há também o tempo contado com base na observação da natureza. “Faltam algumas luas e alguns sóis”, diz o pai das meninas.

Há uma delicada pista sobre mais um modo de passagem do tempo na obra de Lúcia Hiratsuka, que vem do fato de Marina fazer perguntas e imaginar coisas a respeito do caminhão. É como se existisse o tempo da imaginação de Marina, um tempo não necessariamente cronológico e linear, mas uma vivência da espera a partir da capacidade de fabular essa espera.



A espera do leitor

Como leitores, também esperamos.

- ▶ Como ler um livro que é, em si, uma espera?
- ▶ Será que um livro precisa ser sempre repleto de acontecimentos?
- ▶ O que consideramos um acontecimento?

O caminhão é um livro que nos faz experimentar os acontecimentos imaginados por Marina no trajeto do caminhão. Há também os pequenos acontecimentos do dia a dia vividos por elas e sua família. E pequenos fragmentos de história chegam até o leitor por meio das ilustrações do caminhão em seu percurso.

Acompanhar *o caminhão* e acompanhar Marina e sua espera são duas ações repletas de pequenas descobertas. Como leitores, somos convidados a ler cada detalhe – seja com texto verbal, seja com ilustração – e imaginar o que virá.

Como mediadores, podemos ajudar os leitores a despertar esse imaginar. E cada um estará à espera de um caminhão diferente, de acordo com seu contexto e com as expectativas que tiver construído. Até que o conteúdo do caminhão nos seja revelado, estaremos juntos, habitados por nossa própria capacidade de ler e imaginar.

E se houver impaciência com a espera ao longo da leitura?

Estamos desaprendendo a esperar. Tanto nós, mediadores, quanto as crianças do nosso tempo temos experimentado de modo cada vez mais intenso a oferta de conteúdos de curta duração oferecidos em redes sociais ou plataformas de difusão audiovisual.

A rapidez, a resposta imediata às nossas necessidades, parece algo desejável e possível nesses contextos, mas essa busca esconde algo preocupante. Estamos desaprendendo a contemplar e perdendo a capacidade de esperar e ter calma, vivências fundamentais tanto nos processos de aprendizagem quanto ao longo da vida. Lidar bem com nossas esperas nos permite aprofundar temas e construir caminhos consistentes ao longo do tempo.



A leitura de uma obra como *O caminhão* é um convite a viver o tempo de outro modo. Sugerimos observarem juntos as diferentes percepções do tempo que vivenciamos.



Há o tempo da espera das meninas, o tempo da espera do leitor, o tempo do caminho do caminhão, o tempo da natureza – chuva, sóis, luas...

O que se passa dentro de cada um de nós ao viver esses tempos? Como podemos viver essa espera juntos?

Que outras histórias, memórias e perguntas podemos somar ao livro a partir do encontro para lermos juntos? Sugerimos que o mediador e a mediadora possam sustentar esse espaço de não saber. Bonitas histórias podem nascer a partir desse momento de espera.

O tempo de Chronos e o tempo de Kairós

Na Grécia Antiga, os deuses conviviam com os homens e tinham características tanto divinas quanto humanas. Suas histórias eram modos de atribuir sentido à vida. Chronos e Kairós são diferentes divindades relacionadas ao tempo vindas dessa mitologia, e conhecê-las pode enriquecer nossa abordagem sobre os tempos da leitura de *O caminhão*.

▶ Você já teve a sensação de que estava correndo contra o tempo do relógio?

Vamos, então, conhecer Chronos. Chronos era o tempo cronológico, linear, o tempo do trabalho e das atividades cotidianas, aquele que é regulado pelo relógio e que podemos contar e planejar. É também conhecido por ser muito severo e por devorar o destino dos homens. A história desse deus é instigante! Para os gregos, ele estava presente nas primeiras etapas do início do mundo.

▶ Você já teve a sensação de que o tempo estava mais lento ou mais rápido?

Quando algo significativo acontece, temos uma percepção diferente do tempo. Para os gregos, é aí que encontramos Kairós. Kairós é neto de Chronos – e como é diferente de seu avô! O tempo de Kairós é o tempo qualitativo. O tempo oportuno, o momento inesquecível marcante e especial. No tempo de Kairós experimentamos uma vivência vibrante do aqui e agora, como se nada mais importasse. Esquecemos o futuro e o passado por alguns instantes.

- ▶ Como as histórias sobre Chronos e Kairós podem conversar com nossa espera da chegada do caminhão?
- ▶ Que sentidos novos podemos dar ao tempo? O que outras mitologias, como as indígenas e as afro-brasileiras, nos contam sobre o tempo?



Converse com as crianças sobre as diferentes leituras de tempo. Escute suas impressões e seus relatos sobre como vivem esses tempos e de que modo os percebem na história mediada.

Nosso caminho pelas ilustrações

Um caminho possível para perceber muitas coisas novas em nossa leitura é o visual. É fundamental que o mediador realize uma leitura prévia com atenção especial às ilustrações, assim será possível partilhar suas percepções com as crianças e se manter aberto ao que elas observarem daquilo que a ilustração trouxe.

Lembre-se: a ilustradora faz escolhas ao construir o caminho da narrativa nas imagens que produz. A escolha das cores, o modo de representar as personagens e os espaços. Existe uma intencionalidade nessas escolhas, e a leitura prévia vai prepará-lo, mediador, no sentido de trazer suas próprias descobertas e hipóteses. Ao ler com as crianças, convide-as para esse olhar atento ao longo da mediação. Descubram novas interpretações juntos!

➤ O que nos contam as paisagens e as cenas de *O caminhão*?

Observe atentamente os contrastes das páginas que se alternam entre fundo branco e laranja. Que contexto as páginas de fundo branco nos trazem? Como Marina e sua família são representadas ali? O que estão fazendo? Quantos são? Como são? O que podemos conhecer sobre sua vida cotidiana?

O mesmo olhar pode ser atribuído ao trajeto do caminhão. O que podemos conhecer sobre os territórios que ele visita? As cores, as repetições, as personagens presentes nos territórios, as paisagens... Cada elemento presente nas páginas nos conta histórias sobre o que desvelamos a seguir.

Perceba também como Lúcia escolhe ilustrar os detalhes – como os pés das pessoas indo ao encontro do caminhão em um dia de chuva – e como faz uso de cenas “na sombra” para revelar o que traz a cena final.

Cada cena, cada detalhe, nos contará pequenas histórias que, juntas, nos ajudarão a compor nossa leitura.



Brincar com os sentidos das palavras

Marina e suas irmãs fazem muitas perguntas sobre a chegada do caminhão. Enquanto esperam, suas palavras parecem brincar com os sentidos e, em alguns momentos, inverter a ordem, criar imagens novas. As perguntas que elas fazem constroem um trajeto, como se histórias estivessem acontecendo dentro delas enquanto esperam.

Mediador, experimente descobrir com as crianças novas possibilidades ao brincar com as palavras.

Existem muitos caminhos possíveis. E se pesquisássemos juntos quais palavras indígenas, de países africanos, árabes, orientais e europeias foram incorporadas por nossa língua? E se lêssemos juntos um pouco de poesia? A leitura desse gênero nos abre novos entendimentos sobre a sonoridade, o ritmo e os sentidos das palavras. Que tal se inspirar e brincar com os sentidos das palavras?

Acolha as perguntas e criações das crianças. Ao mediar, estamos compondo nossa experiência leitora, com nossas impressões e descobertas.

A cultura clássica ou erudita e a cultura popular

Gostaríamos de convidar você, mediador, mediadora, para uma reflexão a respeito daquilo que valoramos e do que guia as nossas escolhas do que vamos compartilhar com as crianças.

O que consideramos ser culturalmente interessante ou mesmo imprescindível apresentar a elas?

Frequentemente nos deparamos com a ideia de que é essencial apresentar os clássicos, e é aqui que nasce nossa reflexão. Quem determina o que são os clássicos, o cânone, e quem fica de fora dessa classificação?

Que modo de ver o mundo está reproduzido na expressão cultural que chamamos de clássica?

Há também um olhar para o que não cabe nos “clássicos”, e frequentemente ouvimos as denominações “cultura popular”, “folclore”, “temas étnicos”, entre outras, para enquadrar expressões plurais em um único grupo.

Por que os clássicos tendem a ser vistos como algo de maior valor e com espaço garantido no que consumimos todos os dias, e a chamada cultura popular está restrita, por exemplo, a datas comemorativas?

Por que não conhecemos tão bem o que não é considerado clássico se são expressões culturais de uma maioria?

O que estamos abrindo mão de preservar culturalmente quando damos pouco espaço a essas expressões?

Convidamos você a acolher essas complexas perguntas e a perceber que cada um pode ser sujeito de suas escolhas em relação ao que apresentará às crianças.

E, para fazer essas escolhas sem cair no costumeiro “clássicos sempre X cultura popular às vezes”, sugerimos que você olhe para as crianças com as quais está lendo.

Quais histórias podem trazer representatividade? Quais histórias conversam com os contextos das crianças e a origem de suas famílias?

Quais encontros podemos proporcionar ao escolher apresentar a essas crianças narrativas com as quais elas podem se identificar? Como seria para essas crianças conhecer de modo profundo toda a variada gama de histórias, expressões e pontos de vista que frequentemente compõem as narrativas que não são entendidas como clássicas?

Sugerimos que, assim como no livro *O caminhão*, o mediador esteja atento aos contextos, aos territórios das crianças e abra com cuidado, interesse e intencionalidade o olhar para cada um desses universos simbólicos que compõem as narrativas hoje menos difundidas.

Conhecer histórias para além daquelas que ocupam lugares-comuns e valorizá-las amplia as leituras de mundo feitas com as crianças e contribui para um mundo mais diverso e menos violento. E estimula a representatividade na medida em que convida cada criança a olhar para seu território e suas histórias como algo que tem importância e também pode ser contado.

Boa leitura!

Para saber mais:

<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

<https://www.cenpec.org.br/acervo/coloquio-de-educacao-integral>

<https://emilia.org.br/literatura-infantil/>

<https://emilia.org.br/onde-vao-parar-as-historias-que-ouvimos-na-infancia/>

Dicas de livros

AUERBACH, Patricia; MORAES, Odilon. *Direitos do pequeno leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MACEDO, Lino de. *O tempo e suas dimensões. Colóquio Educação Integral - Tempos e espaços para aprender*. São Paulo: Cenpec, 2009.

Ficha técnica

Fundação Itaú

Conselho Curador

Presidente

Alfredo Egydio Setubal

Vice-presidentes

Ana Lúcia de Mattos Barreto Villela

Maria Alice Setubal

Conselheiros

Claudia Politanski

Danilo Santos Miranda

Eduardo Queiroz Tracanella

Heitor Sant'anna Martins

Osvaldo do Nascimento

Priscila Fonseca da Cruz

Ricardo Manuel dos Santos Henriques

Rodolfo Villela Marino

Diretoria

Diretor-presidente

Fábio Colletti Barbosa

Diretor vice-presidente de programas sociais

Fábio Colletti Barbosa

Diretor vice-presidente de projetos culturais

Alfredo Egydio Setubal

Diretor vice-presidente administrativo e financeiro

Eduardo Mazzili de Vassimon

Diretores

Álvaro Felipe Rizzi Rodrigues

Paulo Sergio Miron

Reginaldo José Camilo

Valéria Aparecida Marreto

Itaú Social

Superintendente

Angela Dannemann

Gerente de Fomento

Camila Feldberg Macedo Pinto

Coordenadora de Engajamento Social e Leitura

Dianne Melo

Gestora do Leia com uma criança

Gabriela Passos Conserva

Comunicação Integrada Fundação Itaú

Gerente de Comunicação

Ana de Fátima Oliveira de Sousa

Coordenação de Comunicação para a Educação

Alan Albuquerque R. Correia

Equipe de Comunicação - Leia com uma criança

Tayrine Mauricio

Rodrigo Souza Silva

Créditos da publicação

Pesquisa, roteiro e criação de conteúdo

Kiara Terra

Leitura crítica

Dianne Melo

Gabriela Passos Conserva

Revisão

Raquel Siqueira

Beatriz Gross

Diagramação

LuaNucci

Caronte Design

Podcast
Leia
com uma
criança